

**FUNDAÇÃO UNIRG
UNIVERSIDADE DE GURUPI**

ISABELA SANTANA BRANDÃO

**EXPLORANDO AS CAUSAS DO BAIXO DESEMPENHO DOS ESTUDANTES
DA REDE PÚBLICA NO EXAME NACIONAL DE ENSINO MÉDIO (ENEM) EM
LÍNGUA INGLESA: UMA ANÁLISE QUALITATIVA DAS MOTIVAÇÕES E
IMPACTOS**

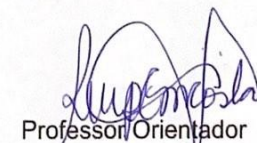
**GURUPI – TO
JUNHO, 2024**

**EXPLORANDO AS CAUSAS DO BAIXO DESEMPENHO DOS ESTUDANTES
DA REDE PÚBLICA NO EXAME NACIONAL DE ENSINO MÉDIO (ENEM) EM
LÍNGUA INGLESA: UMA ANÁLISE QUALITATIVA DAS MOTIVAÇÕES E
IMPACTOS**

ISABELA SANTANA BRANDÃO

Este artigo foi aprovado em 17 de junho de 2024, como parte das exigências para obtenção do título de (licenciatura ou bacharel) em Letras.

BANCA EXAMINADORA



Professor Orientador

Prof^ª. Dra. Rosemeire Parada Granada Milhomens da Costa

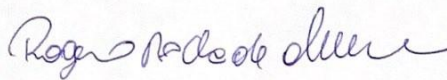
Presidente



Professor Avaliador

Prof^ª. Me. Lucivânia Carvalho Barcelo

Membro I



Professor Avaliador

Prof. Esp. Rogério Rocha de Oliveira

Membro II

RESUMO

EXPLORANDO AS CAUSAS DO BAIXO DESEMPENHO DOS ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA NO EXAME NACIONAL DE ENSINO MÉDIO (ENEM) EM LÍNGUA INGLESA: UMA ANÁLISE QUALITATIVA DAS MOTIVAÇÕES E IMPACTOS. Isabela Santana Brandão¹; Rosemeire Parada Granada Milhomens da Costa². (¹Acadêmica do Curso de Letras da Universidade de Gurupi, Gurupi-TO; ²Orientador(a), Professor(a) do Curso de Letras da Universidade de Gurupi, Gurupi-TO).

Este estudo é uma pesquisa documental de caráter qualitativo e explicativo que busca investigar e compreender as motivações e os efeitos do mau desempenho na disciplina de língua inglesa no Enem por parte dos alunos de escolas públicas no Brasil. Entendendo a importância desta língua na atualidade e sua necessidade para comunicação e mercado de trabalho, a seguinte pesquisa tem por objetivo investigar as motivações que levam os alunos a terem um baixo rendimento nas provas de Língua Inglesa do ENEM e como estas motivações influenciam no processo de aprendizagem e que consequentemente afetam o desempenho destes alunos. Isto foi feito por meio de artigos datados no período de 2011 a 2021, nas bases de dados do Google Acadêmico, SciELO, Academia. Edu e o Portal Capes. Os resultados mostraram como a motivação, a falta de profissionais qualificados e a falta de recursos são fatores contribuintes para o baixo rendimento dos alunos no ENEM, além de evidenciar outros fatores que estão atrelados a estas motivações, como por exemplo o uso de metodologias ineficazes, o distanciamento da língua em relação a realidade do estudante e a desvalorização da língua.

Palavras-chave: 1 Desempenho; 2 ENEM; 3 Ensino médio; 4 Língua Inglesa.

ABSTRACT

This study is a qualitative and explanatory documentary research aimed at investigating and understanding the motivations and effects behind the poor performance in the English language subject of the ENEM exam among public school students in Brazil. Recognizing the importance of English in contemporary communication and the job market, the research seeks to explore the reasons for students' low performance in ENEM English exams and how these motivations impact the learning process, consequently affecting their overall performance. The investigation was conducted through the analysis of articles from 2011 to 2021, sourced from databases such as Google Scholar, SciELO, Academia.edu, and the CAPES Portal. The results indicated that motivation, lack of qualified professionals, and lack of resources are contributing factors to students' poor performance in ENEM. Additionally, the study highlights other related factors such as ineffective teaching methodologies, the disconnection of the language from students' realities, and the devaluation of the English language. O texto do resumo em língua inglesa.

Keywords: 1 Performance; 2 ENEM; 3 High School; 4 English Language.

INTRODUÇÃO

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é um dos exames mais importantes do Brasil. Muitas pessoas dependem do sucesso nesta prova para atingir seu objetivo: ser aprovado na universidade desejada. Porém, alguns não o atingem por não se saírem bem na disciplina de Língua Inglesa, afinal, não receberam o conhecimento adequado para encarar este desafio e não foram estimulados o suficiente para acreditar que a matéria é crucial e classificatória.

A prova exige não só o conhecimento linguístico do aluno como também a capacidade de compreensão, interpretação e contextualização na língua. Por não desenvolverem estas competências durante o seu processo educativo, muitos preferem escolher a Língua Espanhola, (a qual algumas escolas não a inserem em sua grade curricular), por causa de sua leve semelhança com a Língua Portuguesa. De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), 60% dos candidatos escolhem espanhol para responder as cinco questões de língua estrangeira no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Nesse contexto, é imprescindível compreender o desempenho dos alunos em língua inglesa no ENEM para que seja possível identificar as motivações, que levam estes a um mal desempenho, e os problemas no ensino brasileiro e assim, desenvolver estratégias que permitam a melhoria na preparação do aluno para o exame. Com esse estudo será possível também entender como este desempenho afeta os resultados gerais do estudante na prova como um todo, e muitas vezes o impedindo de ter acesso ao ensino superior e às oportunidades acadêmicas.

Partiremos do pressuposto de que por causa do fenômeno que chamamos de globalização, a língua inglesa é considerada como língua franca, ou seja, uma língua que foi elegida como língua de contato. O idioma não mais limitou-se a ser uma habilidade para servir como um diferencial no currículo para o mercado de trabalho, mas sim uma necessidade, pois ele se faz necessário, para se comunicar, fazer negócios e também para vivenciar diversas experiências culturais.

De acordo com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), tornou-se obrigatório a partir do 6º ano, a inclusão do inglês na grade curricular para todas as escolas brasileiras, e em muitas escolas, nas particulares, o ensino da língua inglesa começa desde os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Seguindo esta reflexão, é possível considerar a importância do aprendizado da língua inglesa na vida daqueles que já estão inseridos e para aqueles que pretendem entrar no mercado de trabalho e/ou para os que aspiram entrar numa universidade. Um dos desafios que é preciso enfrentar para atingir este objetivo, é conseguir a aprovação no ENEM; onde um dos conhecimentos de linguagem exigidos é o da língua inglesa.

Supõe-se que, pelo fato de haver uma obrigatoriedade do ensino desde a base do processo educativo, os estudantes estejam preparados para realizar este exame. Contudo, de acordo com uma pesquisa feita pela Folha, na qual foram analisadas todas as questões aplicadas no ENEM entre 2010 e 2019, respondidas pelos alunos das escolas públicas, observou-se que 18 das 50 perguntas da disciplina de língua inglesa neste período tiveram viés estatístico alto e moderado contra a rede pública. Inglês representou 46% das questões que mais prejudicaram os alunos do ensino público, mesmo representando apenas 3% do exame total.

Isto posto, o objetivo primário desta pesquisa se concentra na investigação das motivações que levam os alunos a terem um baixo rendimento nas provas de Língua Inglesa do ENEM. Investigaremos ainda, como objetivos secundários, se há despreparo de profissionais da área e se isto afeta o desenvolvimento dos alunos ao aprender a Língua inglesa, entender a importância de recursos eficazes durante o processo de aprendizagem da língua e identificar as consequências da falta de motivação dos alunos e como isso influencia na absorção do conhecimento.

Dados os objetivos acima, o problema que norteou essa pesquisa foi: por que os alunos do Ensino Médio de escolas públicas apresentam baixo rendimento nas provas de inglês do ENEM? Apresentaremos abaixo algumas hipóteses que poderão ser confirmadas ou refutadas ao final deste trabalho: (a) uma das possíveis motivações para o baixo rendimento dos alunos neste exame seria a desmotivação dos alunos na disciplina de língua inglesa diante das dificuldades enfrentadas pela rede pública e pelo distanciamento da língua em relação a realidade dos aprendizes. Refletindo nisto, acreditamos que uma baixa motivação resulta em menor interesse na disciplina e conseqüentemente, menos aplicação do esforço para aprender a língua inglesa, tornando o processo menos prazeroso; (b) atrelado a isso, podemos considerar também a falta de profissionais qualificados na área, pois em muitas escolas, os professores de inglês não possuem habilidades com a língua e vão para as salas de aula somente para cumprir suas grades de horário e; (c) a falta de

recursos, onde mesmo que haja um profissional qualificado, ele padece por não haver investimentos nesta área do conhecimento e por este motivo, têm que ministrar a aula tendo acesso limitado a materiais de qualidade e eficazes resultando em um baixo aproveitamento da aula.

Portanto este trabalho se justifica pelo desempenho de um papel significativo no cenário educacional e profissional global, sendo fundamental para a comunicação internacional, o acesso à informação e a participação em diversos contextos acadêmicos e profissionais. No entanto, temos observado consistentemente um índice preocupante de insucesso dos alunos nas provas do ENEM em língua inglesa.

Esta pesquisa se torna fundamental para compreender as razões subjacentes a esse insucesso e contribuir para a melhoria do ensino da língua inglesa nas escolas. Existem evidências iniciais, obtidas em pesquisas anteriores, que indicam que a não oferta da língua inglesa nos anos iniciais pode estar relacionada a esse problema. Portanto, é essencial investigar mais a fundo essa correlação, bem como outras possíveis causas do insucesso dos alunos nas provas do ENEM em língua inglesa.

A não oferta da língua inglesa nos anos iniciais do ensino pode gerar uma deficiência na base de conhecimento linguístico dos estudantes, tornando-os menos preparados para enfrentar os desafios das provas do ENEM, que abordam não apenas a compreensão de textos, mas também a habilidade de interpretar e analisar informações em inglês. Além disso, a falta de exposição precoce à língua inglesa pode resultar em uma lacuna significativa no desenvolvimento de habilidades de escuta, fala, leitura e escrita, que são essenciais para o sucesso nas avaliações.

Ao compreendermos mais profundamente as causas do insucesso dos alunos nas provas do ENEM em língua inglesa, podemos desenvolver estratégias e políticas educacionais mais eficazes para melhorar o desempenho dos estudantes. Isso não apenas impactará positivamente os resultados individuais dos alunos, mas também a qualidade geral da educação em nosso país, preparando melhor nossa juventude para competir em um mercado de trabalho cada vez mais globalizado.

Por fim, esta pesquisa desempenha um papel crucial na identificação de áreas de melhoria na educação de língua inglesa e, ao mesmo tempo, contribui para o fortalecimento do sistema educacional em nosso país, proporcionando aos estudantes as ferramentas necessárias para enfrentar com sucesso os desafios acadêmicos e profissionais do mundo contemporâneo.

1 INSUCESSO NO ENEM: MOTIVAÇÕES

Grande parte das escolas públicas brasileiras não consegue preparar os alunos para realizar a disciplina de língua inglesa na prova do ENEM de forma bem-sucedida, e colocam como prioridade o investimento em matérias consideradas mais importantes, mesmo que a língua inglesa possa contribuir para um desenvolvimento mais amplo destes indivíduos.

De acordo com o MEC, no Censo Escolar de 2010 aponta que “o Brasil tem 51,5 milhões de estudantes matriculados na educação básica pública e privada – creche, pré-escola, ensino fundamental e médio, educação profissional, especial e de jovens e adultos. Dos 51,5 milhões, 43,9 milhões estudam nas redes públicas (85,4%).” Com estes dados, pode-se concluir que uma grande parcela da população brasileira depende do ensino público para a construção do conhecimento e neste processo de aprendizagem, estudou a língua inglesa ofertada por esta rede de ensino por anos. Porém, é possível comprovar a ineficácia deste ensino, ao apresentar os dados coletados por um estudo recente realizado pelo British Council, evidenciado no site Lingopass, o qual mostra que “apenas 5% dos brasileiros têm conhecimento do idioma inglês, e desses, apenas 1% possui fluência¹ no idioma.”

Segundo Celani (2011), há a falta de uma política eficiente e que estimule o ensino de qualidade da língua inglesa apesar dos benefícios da mesma. Ela cita como vantagens o entendimento das diferenças e a convivência com elas a partir do contato com outras culturas, assim como o aspecto social se referindo ao acesso ao mercado de trabalho, pois o conhecimento na língua inglesa facilita esta inclusão.

Considerando isso, é preciso dar maior atenção e importância para esta disciplina, pois ela é quesito classificatório tanto para vestibulares quanto para a inserção no mundo do trabalho. Assim como cita novamente a autora Celani (2005, p. 14), “a aprendizagem de língua estrangeira é um direito humano a ser assegurado a todos; o ensino-aprendizagem de língua estrangeira faz parte da educação; é, portanto, função da escola.”

¹ Fluência é a habilidade de se comunicar com liberdade e fluidez, sem estar “preso” na estrutura da língua. Enquanto proficiência, é ter a compreensão sobre as estruturas teóricas e uma comunicação com embasamento.

No entanto, mesmo sabendo de todos os benefícios e se tornando obrigatória a implantação da disciplina na grade curricular para todas as escolas brasileiras a partir do 6º ano, muitas instituições deixam a desejar no ensino da língua, principalmente na base do processo de educação. Afinal, como há o apoio do livro didático que pode ser intuitivo, não precisa ser muito criterioso na contratação de profissionais para assumir as aulas da disciplina e muito menos de muitas horas de aula por semana para ensiná-lo, duas ou uma vez por semana já se torna suficiente para a maioria das escolas². E isso traz consequências ao aluno no seu processo de desenvolvimento da língua estrangeira, pois isso dificulta sua aprendizagem e o desestimula.

Podemos destacar alguns pontos que contribuem para o insucesso do ensino da Língua Inglesa na escola pública. Segundo Leffa (2011), o primeiro fator que favorece o fracasso do ensino da língua é o descaso do governo, tanto federal como estadual e municipal. Segundo ele, o professor do ensino fundamental e médio ensina ao aluno algo que o próprio profissional não conhece e os aprendizes se tornam inaptos a desenvolver um interesse genuíno pela matéria.

Rajagopalan (2011, p.58) reforça afirmando:

Mas muitas dessas questões estão fora de nossa competência estrita enquanto professores em sala de aula. Muitas delas têm a ver com anos a fio de descaso com a educação. As autoridades que fingem que investem nos lugares certos, os professores fingem que estão ensinando, os alunos fingem que estão aprendendo. Parece que, no lugar de ensino, o que temos é encenação. Uma espécie de faz de conta, elaborada e praticada em escala gigantesca.

Diante de tudo que foi exposto, podemos observar que há um descaso no que se refere ao ensino da língua inglesa nas escolas públicas, que desencadeia uma série de problemas tanto em relação ao interesse do estudante quanto no seu conhecimento da língua. Porém, não é somente a falta de investimento governamental que é responsável pelo fracasso do ensino da língua inglesa na escola pública. Pode-se e deve-se discutir sobre as metodologias³ usadas pelos profissionais, e sua

² De acordo com uma pesquisa feita pelo British Council em 2015, alunos de escola pública têm menos de duas horas de aula na semana, visto que de acordo com a BNCC a carga horária mínima semanal é de duas vezes na semana e cada aula tem em média 50 – 55 minutos.

³ Apesar de frequentemente se confundir os termos método e metodologia, podemos diferenciá-los. Método é um conjunto de etapas e técnicas usadas para ensinar habilidades específicas, enquanto metodologia se refere à um conjunto de abordagens teóricas para a prática do ensino.

eficiência no âmbito escolar. Esta transição nos leva diretamente à próxima seção, onde serão exploradas as metodologias mais comuns adotadas pelos professores de língua inglesa, com o intuito de compreender melhor suas práticas e possíveis impactos no processo de ensino e aprendizagem.

1.1 METODOLOGIAS DE ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO

Para entender as consequências do descaso em relação ao ensino da língua inglesa nas escolas públicas brasileiras, é importante discutir sobre as principais abordagens de ensino utilizadas para o desenvolvimento da aprendizagem.

O professor, como mediador do conhecimento, é também motivador dos resultados dos discentes, já que a seleção de materiais, abordagens, recursos, etc., dependem de seu entendimento de qualidade de ensino. Adotando uma visão contemporânea da linguística aplicada, é possível concluir que o professor deve ser um pesquisador, que faça escolhas acerca do seu material de trabalho e sua forma de ensinar e avaliar, com um propósito bem definido, pois ele não só está agregando conhecimento da língua como estrutura, mas também como canal de comunicação.

Para isso, é importante analisar a formação do professor, pois para que haja um ensino eficaz que proporcione um conhecimento linguístico na língua, este educador precisa de uma formação acadêmica sólida, além de práticas pedagógicas e uma boa proficiência na língua.

Pensando nas metodologias e abordagens como importantes para o desenvolvimento da aprendizagem do educando, serão citadas as principais metodologias utilizadas durante o processo de ensino da língua inglesa, que influenciam diretamente no desempenho dos alunos no Ensino Médio das escolas públicas.

Apesar de haver uma variedade de métodos de ensino, devido às limitações da rede pública, os docentes optam por utilizar metodologias que não demandam muitos recursos, qualificação ou tempo para planejamento. É possível fazer esta afirmação através da análise de pesquisas feitas com depoimentos de alguns professores do ensino público, relacionadas à estas dificuldades que eles possuem, como por exemplo no trabalho de Marzari (2013).

A partir do depoimento das quatro professoras pesquisadas, podemos concluir que as condições para o ensino de LEs, neste caso de língua inglesa, não têm evoluído muito nos últimos anos. Em linhas gerais, podemos dizer que não houve aumento da carga horária na disciplina de língua inglesa e as turmas, na sua maioria, continuam com um número elevado de alunos, com níveis bastante divergentes ou heterogêneos de conhecimento. Além disso, há uma crescente falta de interesse por parte dos alunos em aprender, não apenas a língua inglesa, mas todas as disciplinas que fazem parte do currículo escolar. (...) Há, ainda, professores com boa vontade, embora despreparados metodologicamente, o que pode comprometer a qualidade do ensino de qualquer disciplina, principalmente de línguas estrangeiras, quando se pensa na integração das quatro habilidades. (MARZARI, 2013, p.15)

E na pesquisa de Andrade (2015, p.46) temos a seguinte afirmação de um dos professores: “É difícil trabalhar na rede pública, pois não dispomos de formação contínua e séria, material didático de apoio, sala com mídias e os estudantes chegam ao 6º ano com pouquíssimo conhecimento”. Estes estudos, assim como exposto, abordam as possibilidades de metodologias a serem usadas pelos professores diante da realidade escolar e suas limitações como veremos abaixo iniciando pela metodologia tradicional que é baseada no método de gramática-tradução e que coloca o professor como mediador do conhecimento, concentrando o ensino da língua nas regras gramaticais e na tradução de textos.

1.1.1 Abordagem Tradicional

Esta abordagem se fundamenta no método de gramática-tradução e o professor se torna mediador do conhecimento. Ela vai associar o ensino da língua ao ensino das regras gramaticais da mesma, ou seja, o processo de aprendizagem se concentra na memorização de regras e o vocabulário se dá através da tradução de textos. E por estar preso nas normas gramaticais e sua estruturação, há uma limitação, apesar de apresentar as exceções da língua, pois não se considera as variações linguísticas, que são muito importantes no processo de compreensão cultural da língua.

Essa metodologia possui ênfase na leitura, uma vez que os alunos aprenderão a construir os sentidos do texto na língua aprendida, a partir da tradução da mesma em sua língua materna. Oliveira (2014) dá um exemplo de como ocorre esse processo de aprendizagem:

Por exemplo, um professor de inglês apresenta o present progressive (ou present continuous, como preferem alguns) a uma turma de estudantes brasileiros. Ele explica que esse tempo verbal é formado pelo presente simples do verbo auxiliar BE seguido do particípio presente do verbo principal, cuja terminação é o morfema –ing. Depois ele coloca, no quadro, sentenças que ilustram essa estrutura gramatical, como, por exemplo, as seguintes sentenças retiradas do romance *Pride and Prejudice*, de Jane Austen: “You are Always buying books”; “I am talking of possibilities, Charles”. O professor traduz essas sentenças para o português. Em seguida, ele coloca na lousa sentenças em inglês para os alunos traduzirem para o português e sentenças em português para que eles traduzam em inglês, praticando esse tempo verbal. Finalmente ele verifica o que os alunos fizeram e corrige os erros que surgirem, fornecendo uma tradução correta (OLIVEIRA, 2014, p. 76-77, grifos do autor).

Para esta abordagem, não é preciso de recursos e materiais dispendiosos, e muito menos depositar uma grande quantidade de tempo para a preparação e planejamento da aula, afinal, uma lousa, cadernos e um livro que apresente a gramática da língua, são os recursos tecnológicos necessários para a prática de exercícios de tradução e estruturas sintáticas, como citados anteriormente no exemplo.

Por isso, essa abordagem não caiu em desuso, por alguns profissionais acreditarem, além de uma metodologia eficaz, também ser de fácil acesso. Visto que muitas escolas brasileiras possuem acesso a recursos limitados, restringindo as ações dos professores durante o processo de ensino-aprendizagem e diante das poucas opções, esse método se torna a melhor escolha, apesar de muitos estudiosos da área da linguística aplicada questionar a efetividade desta abordagem, por não possuir acesso a práticas sociais de linguagem.

1.1.2 Abordagem Comunicativa

Devido as críticas aos outros métodos de ensino das línguas estrangeiras, foi surgindo a necessidade de criação de novas tendências que focassem no aprendiz/aluno e na língua como um evento comunicativo e não somente um aglomerado de palavras, onde seu ensino deveria promover a competência comunicativa do aluno. Baseada na concepção sociointeracionista de Vygostky, foi desenvolvida a abordagem comunicativa, já que esta metodologia defende que a construção do conhecimento vai além da sala de aula e que o aluno deve se relacionar com seu meio social e cultural em que está inserido para que seja estimulado a aprendizagem.

Almeida Filho (2013) e Larsen-Freeman (1986) concluem que os princípios que regulam a prática desta abordagem em sala de aula deveriam ser baseados na promoção de uma compreensão intercultural, na priorização dos aspectos semânticos da língua e não gramaticais, no desenvolvimento das 4 habilidades de forma integrada desde o início do processo de aprendizagem, na avaliação da proficiência através de unidades discursivas reais que o aprendiz pode realizar.

De acordo com uma pesquisa de campo (ANDRADE, 2015), feita com dez profissionais sendo, nove professores efetivos de escolas públicas estaduais do Estado de Pernambuco e de escolas municipais da região metropolitana do Recife, e um atuando apenas em cursos de idiomas, para um mestrado profissional em linguística e ensino, foi possível analisar as opiniões destes docentes acerca da abordagem comunicativa nas escolas públicas. Foi questionado se eles acham possível ensinar inglês com esta abordagem, desenvolvendo as quatro habilidades (escutar, falar, ler e escrever), na rede pública. Destes, 70% responderam que sim, porém alguns deram respostas afirmativas sob certas circunstâncias. Dois deles, defendem a necessidade de ter recursos tecnológicos como salas/laboratórios temáticos de forma que aproxime a aula da realidade do estudante para ter um ensino efetivo. Um professor argumenta que seriam necessárias salas com menor quantitativo de alunos para se utilizar essa abordagem. Outro opina que seria preciso mais tempo para planejamento da aula e outro declara que se deve desenvolver o interesse do aluno em aprender e o despertar do conhecimento.

Para os professores que possuem opinião menos favorável, há aqueles que acreditam que não é possível o ensino da língua inglesa com esta abordagem, pois o ensino público não fornece apoio suficiente ao professor e também denuncia o número de alunos que não possuem interesse na disciplina. Outro diz que, trabalhar as quatro habilidades na rede pública é muito mais custoso do que em um curso de idiomas, mas que tudo pode ser adaptado de acordo com cada realidade. Um profissional também discorre sobre o quantitativo de alunos dentro da classe, porém diz não ser possível o uso da abordagem comunicativa para o ensino do idioma.

Diante disso, pode-se inferir que apesar de ter critérios para aplicar esta abordagem no ensino público e o mesmo ser efetivo, ainda assim ela se torna uma possibilidade de ensino, onde os professores “fugiriam” do método tradicional no qual foca somente no aspecto gramatical da língua.

Refletindo nestas abordagens de ensino, acreditamos que as técnicas para a propagação da aprendizagem usadas pelo professor, contribuem para o insucesso dos alunos. Porém, há outros fatores que também contribuem para este fracasso, como a falta de motivação do aluno com a língua inglesa, assim como abordaremos na próxima seção, onde discutiremos como ela é determinante para um mau desempenho na língua.

1.2 “POR QUE DEVO APRENDER INGLÊS?”

Um dos maiores questionamentos dentro da sala de aula feito pelos alunos é o porquê de se aprender inglês, já que, considerando a realidade de grande parte dos alunos da rede pública, não viajarão para o exterior, logo não precisariam aprender. Todavia, como já mencionamos, estamos em um mundo globalizado onde a língua inglesa é considerado uma língua de contato, uma necessidade para comunicação. Portanto, a ideia de que o aprender da língua para ser usados somente em ocasiões de viagem para países falantes é errôneo e revela uma urgência em alterar esta concepção, pois leva os alunos a ficarem desmotivados, o que compromete a sua aprendizagem.

Esta desmotivação pode ser evidenciada de diversas formas seja na falta de interesse, e/ou na desvalorização da disciplina e na falta de envolvimento dos alunos nas atividades propostas pelo professor em sala de aula.

Um aluno motivado reage positivamente e produtivamente àquilo que lhe é exposto, por isso pode-se considerar que a motivação é a largada para um caminho de sucesso. Dornyei (2000, p. 425) define que,

Motivação é uma das duas características-chave do aprendiz que determina a razão e o sucesso da aprendizagem em língua estrangeira (a outra é a aptidão): a motivação fornece o ímpeto principal para embarcar na aprendizagem e, depois, a força diretriz que sustenta o longo e frequentemente tedioso processo de aprendizagem.⁴ (Tradução nossa)

⁴ Motivation is one of the two key learner characteristics that determine the rate and the success of foreign language (L2) learning (the other being APTITUDE): motivation provides the primary impetus to embark upon learning, and later, the driving force to sustain the long and often tedious learning process.

Há algumas crenças⁵ acerca da língua inglesa que permeiam a comunidade escolar que provocam uma grande desmotivação em massa, como por exemplo, o aluno não aprenderá inglês em escola pública. Essa afirmação, leva os alunos a descredibilizar a disciplina ofertada e a desvalorizar o seu ensino. Outra crença que contribui para este problema é que para um professor ter credibilidade e propriedade para ensinar, ele precisa ter uma experiência de imersão na língua, seja viajando para outro país ou conversando com algum nativo.

Declarações como esta intensificam a desvalorização do inglês e a desmotivação do aluno, como também do professor, sendo que a motivação é essencial para uma boa aprendizagem da língua, pois estimula o desejo em aprender. O professor mantém seu aluno atento ao propor atividades e o aluno deve se esforçar para realizá-las.

Dorildes Michelon faz uma reflexão em seu artigo sobre “a motivação na aprendizagem da língua inglesa” fazendo um paralelo com visões comportamentais e cognitivistas, como o behaviorismo de Skinner, ao dizer que,

O indivíduo, ao nascer, traz consigo impulsos inatos que geram necessidades e resultados potenciais, bem como influenciam as crenças e valores, tanto pessoais como sociais. As crenças e valores, que são, também, influenciadas pelo contexto social, se refletem em suas atitudes. A partir de suas crenças e valores, o indivíduo faz escolhas, manifesta seu querer, e essas escolhas passam a ser seus objetivos. O desejo de atingir esses objetivos, somado às atitudes favoráveis a sua própria realização, levam-no a despender esforço, a agir. A manutenção desse esforço ocorre na medida em que haja perspectiva de satisfação de alguma de suas necessidades. A necessidade satisfeita - o objetivo alcançado - propicia-lhe um sentimento de satisfação que fortalece sua autoconfiança e o estimula a despender novo esforço para atingir outro objetivo. (MICHELON, 2003, p.02).

Logo, entende-se que, para atingir o objetivo – aprender a língua estrangeira – o aluno deve estar motivado, pois só assim despenderá esforço para realizar o que deve ser feito, já que faz parte de sua natureza humana.

Aprender sem motivação é algo totalmente ilusório. Estar motivado nos auxilia a querer aprender e a buscar conhecimento. Portanto, proporcionar atividades que auxiliem na motivação extrínseca para que a intrínseca possa surgir é fundamental. Isso permitirá que o aluno busque por si próprio o conhecimento e tenha um aprendizado prazeroso e verdadeiro (HIRANO, 2012, p. 14).

⁵ Do ponto de vista da literatura do ensino de línguas, crenças são pressupostos partilhados que alunos, professores e sociedade têm a respeito do aprendizado e ensino de línguas, formulados a partir de suas experiências.

Pode-se caracterizar a motivação em dois tipos: a intrínseca e a extrínseca. A primeira está ligada as necessidades inatas, geradas pelo próprio indivíduo a fim de buscar uma satisfação pessoal, sem que haja benefícios externos. Já a segunda o estudante acredita que a aprendizagem lhe trará benefícios, como notas, prêmios ou valores monetários. (BERGMANN, 2002).

Alguns autores, como Noels et al. (1999 e 2003), defendem que as motivações extrínsecas impedem que o aluno se interesse pela atividade em si, pois quando está motivado apenas por recompensas externas, ele tende a se concentrar mais nos resultados do que no processo de aprendizagem, desenvolvendo uma aprendizagem superficial e perdendo um possível interesse genuíno na língua. Porém, autores como Bandura (1986, p. 248), defendem que as pessoas não fazem a maioria das coisas porque elas são interessantes originalmente, mas porque adquirem esse valor com o auxílio dos incentivos externos positivos. Portanto, segundo o autor, deve-se, se necessário, utilizar estes incentivos para a promoção de interesse genuíno pelas atividades posteriormente, apesar de também acreditar que estas motivações não seja o único jeito de cultivar o interesse.

No contexto do ENEM, pode-se considerar como exemplo de fator intrínseco, as metas pessoais. Um aluno que tem o objetivo de ingressar em alguma universidade e compreende que para alcançar isto, deve aprender o inglês, já que a matéria faz parte do exame e é classificatória, ele tende a se empenhar mais, visto que a motivação precede ao esforço. Outro exemplo é a autoeficácia, ou seja, o estudante que acredita em sua própria capacidade de alcançar seus objetivos e confia em suas habilidades, está inclinado a se dedicar mais aos estudos e a ter mais determinação. Quanto aos fatores extrínsecos, como já mencionado, podemos discorrer sobre as recompensas externas, que dado o contexto, seria um bom desempenho na prova e acesso a bolsas de estudo. Outro exemplo de motivação extrínseca seria a competição, visto que um bom desempenho em língua inglesa, influencia em uma melhor colocação no ENEM, o que leva estes alunos a se esforçarem mais. A pressão acadêmica também pode estar associada a estas motivações, uma vez que estes se sentem na obrigação de atender às expectativas impostas pela família, professores e sociedade. Todos estes fatores, tanto os intrínsecos como os extrínsecos, são peça chave para a gênese da motivação, e conseqüentemente, do interesse em relação a língua, no qual promove sucesso entre os alunos no processo de aprendizagem.

No que tange à motivação dos alunos, iremos fazer um comparativo dos alunos de escola pública e da rede privada no próximo tópico. Existe uma série de fatores que podem influenciar no desempenho destes alunos, para os da rede pública mais negativamente do que positivamente, gerando desmotivação, desinteresse, falta de esforço e por fim, um mau desempenho. Estes fatores serão apresentados a seguir.

1.3 ENSINO PÚBLICO X PRIVADO

Há uma disparidade significativa entre o ensino público e o privado, diferenças que refletem nos resultados dos alunos. Recursos limitados, formação do docente, perspectiva de vida, fatores culturais e socioeconômicos, e algumas crenças que permeiam as escolas, como alguns já discutidos no tópico anterior (ver tópico 1.2), são alguns dos fatores que impactam o processo de aprendizagem e consequentemente no desempenho dos alunos.

Em 2015, foram divulgadas as notas por escola no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) do ano de 2014 e o Ministério da Educação e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), apresentaram novos indicadores para analisar os dados obtidos das escolas. Dentre eles, o nível socioeconômico (Inse) e a formação docente, são os mais significativos. Dados mostram que quanto mais alto o nível socioeconômico, melhores são as notas em todas as áreas de conhecimento avaliadas e estudantes cujos professores possuem formação acadêmica específica nas disciplinas que lecionam, apresentam as maiores médias. (MEC, 2015).

Considerando que grande parte dos alunos da rede pública são de baixa renda e que grande parte de seus professores de língua inglesa não possuem formação superior específica, assim como confirmam os dados do Censo Escolar de 2013 analisados pelo British Council em 2015, pode-se inferir que estes alunos terão maiores dificuldades no aprendizado e notas inferiores àqueles que estudam em escola particular, por isso é necessário a presença de um profissional qualificado para amenizar os danos causados pelo pouco investimento no ensino público.

Assim concorda a responsável pela pesquisa do British Council, Cintia Gonçalves,

“O inglês sempre teve um papel marginal na educação básica, como se fosse uma disciplina menos importante. Por isso, muitos dos professores que dão aula do idioma são aqueles que foram contratados para dar aula de português e acabam complementando sua carga horária com o inglês. Há um consenso

de que o inglês colabora para a formação do cidadão, abre oportunidades de trabalho e conhecimento. Mas, para que isso de fato ocorra, não adianta só ter a disciplina na escola, ela precisa ser bem ensinada”.

Os fatores socioeconômicos, como já dito, são relevantes diante do contexto mencionado. Há uma desvalorização e distanciamento da língua em relação a realidade dos estudantes, pois para muitos, o pensamento de que o inglês não será preciso em seu futuro, é muito naturalizado. Em suas perspectivas de vida não é incluído a necessidade em saber uma segunda língua. Na fala de um dos gestores entrevistados pelo British Council:

Muitos alunos vão para a escola porque não têm o que comer em casa. O fato deles terminarem a escola já é uma vitória, do ponto de vista deles e da família. Ele vai aprender inglês para quê, se ele vai puxar uma carroça, vai vender bala? A perspectiva de futuro desses meninos é quase zero. (BRITISH COUNCIL, 2015).

Ou seja, a realidade destes alunos não permite que haja um planejamento do futuro dando a devida importância a Língua Inglesa, já que ter proficiência em uma segunda língua é o menor de seus problemas e que de acordo com esta visão, aprender a língua inglesa, seria um luxo, o que diverge dos alunos de rede privada, pois eles não enfrentam problemas como pobreza extrema, trabalho infantil e fome; seu tempo é destinado e estimulado exclusivamente aos estudos e demais atividades extracurriculares. E diante de suas perspectivas de vida, aprender a língua se torna o mínimo no processo de construção do conhecimento.

Outro fator determinante e pertinente, é a falta de recursos eficazes no processo de ensino/aprendizagem da língua. Segundo esta mesma análise de dados feita pelo British Council (2015), foi questionado sobre as principais dificuldades vivenciadas no ensino do inglês nas escolas públicas brasileiras e em primeiro lugar, com 81% dos professores afirmando, tem-se o acesso limitado a recursos didáticos adequados, já que em suas perspectivas, estes recursos possuem maior relevância no ensino de sua disciplina do que em outras matérias, pois a língua inglesa requer atividades mais lúdicas, coletivas e interativas para gerar engajamento dos alunos e envolvimento prático com a língua. Destes, 43% apontam para a falta de recursos tecnológicos como aparelhos de som, projetores, dicionários, jogos e livros paradidáticos, 42% relatam que os livros didáticos são muito avançados para o nível de conhecimento dos alunos e 16% expõem que o conteúdo dos livros didáticos é de

má de qualidade, o que faz com que os docentes não consigam utilizá-los como base para o ensino.

Por fim, 40% reclama da falta de materiais complementares e afirmam que os materiais que mais motivam os alunos são os menos acessíveis, como acesso à internet e músicas. Com estes dados obtidos, podemos compreender a importância de recursos eficazes para as aulas de inglês e como sua utilização, além de estimular o interesse no aluno, torna o ensino da língua mais prazeroso e satisfatório, porém a maior parte das escolas públicas, não possuem acesso a estes recursos e o professor, para fazer algo diferente na sala de aula, precisa buscar em outras fontes. Um dos professores entrevistados relata que pediu materiais emprestados a seu irmão, que é professor em rede privada, para que pudesse utilizar com seus alunos. Isso evidencia a precariedade de recursos na rede pública e mostra também, que este não é um problema para as escolas particulares, pois os docentes possuem acesso a todo tipo de recurso, o que permite o planejamento de uma aula melhor elaborada e a captação da atenção de seus alunos.

Diante destas comparações, pode-se inferir que alunos de escola privada têm maior facilidade em aprender a língua e conseqüentemente, espera-se um melhor resultado na prova do ENEM, uma vez que os indicadores mencionados são fatores determinantes para um bom desempenho. Os alunos da rede privada possuem o apoio necessário para alcançar melhores notas enquanto os da rede pública necessitam aplicar um maior esforço e buscar mais conhecimento em outras fontes, já que o ensino ofertado em suas escolas pode não ser suficiente.

2 MATERIAIS E MÉTODOS (OU METODOLOGIA)

O presente trabalho foi realizado através de uma pesquisa documental bibliográfica e exploratória nas bases de dados do Google Acadêmico, SciELO, Academia.Edu e Portal Capes, baseando-se na seleção de artigos que abrangem o período de 2011 a 2021, sendo buscados através de palavras-chaves como “inglês no ENEM”, “inglês nas escolas públicas” e “aproveitamento dos estudantes em inglês no ENEM”. Por meio de análise e reflexão destes artigos, será buscada a comprovação ou refutação das hipóteses desse trabalho, bem como buscaremos atingir os objetivos nele propostos.

3 RESULTADOS

A motivação da presente pesquisa foi buscar compreender o porquê dos alunos de escola pública possuem baixo rendimento no ENEM na disciplina de língua inglesa, visto que desde o sexto ano do ensino fundamental há um contato com a língua. Refletindo neste objetivo principal, houve também uma tentativa de procurar entender como a falta de qualificação dos professores, a falta de recursos eficazes e a desmotivação dos alunos em relação ao estudo da língua inglesa influenciam na aprendizagem dos estudantes.

Através de dados bibliográficos resgatados de outros artigos e também do Censo Escolar, pôde-se analisar números que denunciam as dificuldades e incoerências na educação, e também relatos das experiências de outros professores acerca dos desafios do ensino da língua, considerando as possíveis consequências para o processo de ensino/aprendizagem da língua inglesa na rede pública, sendo a principal, um mau desempenho no ENEM.

Explorando as motivações, no primeiro tópico da primeira seção observou-se como a escolha da metodologia é fator significativo para captar a atenção do aluno e fomentar o interesse do mesmo a fim de que seja produzido o esforço. As metodologias mais tradicionais, que inclusive são as mais usadas na rede pública, como visto na pesquisa, são as que menos cativam os estudantes, pois focam mais na estrutura da língua (gramática) e não no desenvolvimento das quatro habilidades linguísticas.

Outro fator determinante, discutido no segundo tópico, é a desmotivação do aluno diante da língua trabalhada. Uma das causas desta falta de motivação se baseia no distanciamento do aluno da língua em relação a sua realidade, já que grande parte dos alunos da escola pública possuem baixa renda, muitos acreditam que o uso do inglês em seu futuro não será preciso, gerando uma desvalorização da mesma.

Outra causa descoberta, é como as crenças acerca da língua inglesa que permeiam a comunidade escolar, influenciam na promoção do interesse. Como por exemplo, a crença que o professor necessita de uma experiência na língua para validar seu conhecimento ou a crença que não é possível aprender a língua inglesa na escola pública. Todos estes pensamentos, levam a comunidade escolar como um todo, a acreditarem e esperarem o fracasso da língua inglesa na rede pública, gerando nos alunos, desmotivação, desinteresse e conduzindo-os a uma aplicação mínima do

esforço para aprender a língua.

No terceiro, e último tópico, descobriu-se a importância da utilização de recursos eficazes para o processo de ensino da língua, e como fatores socioeconômicos e o nível de formação do docente são também fatores determinantes para o processo de ensino/aprendizagem da língua, ao fazer uma comparação entre escola pública e a privada. Foi observado uma grande discrepância entre as duas redes, mostrando a vantagem que alunos de escolas particulares possuem sobre os alunos de escolas públicas, o que faz com que tenham um melhor desempenho no ENEM na disciplina de língua inglesa, já que possuem todo o apoio necessário em suas instituições de ensino.

A partir destas constatações, percebemos que há uma ligação entre os três tópicos trabalhados que nos leva a compreender a motivação do insucesso dos alunos das escolas públicas no ENEM, gerando uma reação em cadeia. Metodologias ineficazes com usos de recursos precários, juntamente com a falta de qualificação do profissional, resultam em alunos desmotivados; alunos desmotivados não se esforçam para aprender a língua, o que leva a uma desvalorização e distanciamento da língua inglesa nas escolas; essa desvalorização originada também de diversas crenças negativas acerca da língua, impede que os alunos tenham um bom desempenho no ENEM.

Compreendendo a interconexão entre os fatores discutidos, constatamos que este ciclo vicioso de ineficácia educacional e desvalorização da língua não só prejudica o aprendizado, mas também reforça crenças negativas que perpetuam o insucesso. Na seção seguinte, apresentaremos uma análise crítica sobre os dados obtidos no estudo, visando expor nossa compreensão acerca do que foi pesquisado.

4 DISCUSSÃO

Esta seção tem como objetivo analisar criticamente os resultados obtidos e refletir sobre os fatores que contribuem para o baixo desempenho dos alunos de escolas públicas no ENEM em língua inglesa, revisando as metodologias de ensino, abordando sobre a importância da motivação no processo de aprendizagem e discutindo as disparidades entre o ensino público e privado.

Refletindo no primeiro tópico da pesquisa, que aborda sobre as metodologias, dando ênfase para a tradicional e a comunicativa já que, como visto, são as mais

utilizadas nas salas de aula da rede pública, entendemos que elas são fatores determinantes para um bom desempenho na língua. As abordagens que se prendem mais em gramática e estrutura da língua, não despertam o interesse do aluno, visto que não há um ensino direto do uso da língua na realidade, como por exemplo aulas que focam na conversação. Podemos perceber então, que a competência que mais se preocupa em trabalhar em sala de aula é a gramatical, assim como afirma Piccoli (2006, p.2):

Percebe-se que o professor de língua estrangeira se mantém afastado do contexto educacional propriamente dito e preocupa-se apenas em transmitir os conteúdos linguísticos. Esses professores têm evitado considerar o ensino de língua estrangeira como parte relevante da educação integral do ser humano, desconhecendo muitas vezes as razões e os porquês do ensino de pelo menos uma língua estrangeira como aspecto fundamental na educação de sujeitos.

Leffa (1999 *apud* LIMA, 2008, p. 03) argumenta sobre isso ao falar que “a metodologia para o ensino das chamadas línguas vivas era a mesma das línguas mortas: tradução e análise gramatical”. Diante disso, vemos a necessidade de se utilizar métodos que deem significado ao que está sendo ensinado, para que o ensino da língua não esteja fadado simplesmente a uma prática mecânica e infundada.

Apesar de existirem muitas opções de abordagens de ensino, os professores optam pelas que não exigem muito planejamento, recursos ou qualificação; primeiro, porque não há tempo suficiente destinado às aulas de língua inglesa, dificultando uma boa sequenciação de conteúdo; segundo, porque as escolas públicas possuem recursos escassos, impedindo a possibilidade de uma aula mais elaborada e dinâmica; e terceiro, porque muitos docentes não possuem a qualificação necessária para assumir a disciplina, mas assumem para completar sua carga horária, resultando em aulas que o professor possa ter várias inseguranças e deficiências em relação a língua e o aluno dúvidas e desinteresse. Nesse sentido Nóvoa (2007, p.14) reflete que “a formação do professor é, por vezes, excessivamente teórica, outras vezes excessivamente metodológica, mas há um déficit de práticas, de refletir sobre as práticas, de trabalhar sobre as práticas, de saber como fazer”. Tudo isso reflete diretamente no processo de aprendizagem da língua e contribui para determinar seu sucesso ou insucesso na realidade escolar.

No segundo tópico, discorreremos sobre a necessidade da motivação no processo de aprendizagem da língua e sobre algumas crenças que permeiam a comunidade escolar que impedem o desejo em aprender a língua. Com isso, inferimos que é importante que se produza alunos motivados, pois só assim demonstrarão interesse na língua inglesa e conseqüentemente, haverá uma maior valorização. Hirano (2012, p. 14) concorda ao dizer que:

Aprender sem motivação é algo totalmente ilusório. Estar motivado nos auxilia a querer aprender e a buscar conhecimento. Portanto, proporcionar atividades que auxiliem na motivação extrínseca para que a intrínseca possa surgir é fundamental. Isso permitirá que o aluno busque por si próprio o conhecimento e tenha um aprendizado prazeroso e verdadeiro.

A partir desta afirmação, também entendemos os dois tipos de motivação existentes que influenciam na realização das atividades, a intrínseca e a extrínseca, sendo, respectivamente, uma ligada às necessidades geradas pelo próprio indivíduo para realização pessoal e a outra baseada na espera de benefícios que acompanham a produção destas atividades e que conseqüentemente auxiliará na criação da motivação intrínseca, como afirma Eccheli (2008) “(...) todo evento que aumentar a percepção da própria competência ou proporcionar um feedback positivo acerca da performance numa dada atividade, tenderá a aumentar a motivação intrínseca”.

Portanto, entendemos que um aluno só despenderá esforço para aprender a língua se houver motivação, seja extrínseca ou intrínseca. Porém, a construção da motivação pode ser comprometida devido as crenças que foram previamente mencionadas neste parágrafo, visto que, a partir disto, a disciplina ofertada se descredibiliza e se desvaloriza. Afirmações como “não é possível aprender inglês em escola pública” ou “é necessário que o professor tenha viajado para outro país ou conversado com algum nativo para ter propriedade para ensinar” desestimula o aluno e o professor, e intensifica a rejeição da disciplina nas escolas públicas.

No terceiro tópico, que expõe uma comparação entre ensino público e privado e como essas diferenças influenciam nos resultados dos alunos, entendemos que há alguns fatores que serão determinantes no aprendizado do aluno em relação a língua, refletindo no seu desempenho no ENEM. De acordo com um estudo levantado pelo Ministério da Educação e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), foi observado fatores que influenciaram as notas do ENEM de 2014 dos alunos por escola e dentre estes fatores, o nível socioeconômico e a formação do docente

são os mais relevantes. Podemos inferir que alunos de escola particular podem possuir maiores vantagens sob os alunos de escola pública, pois estes possuem mais oportunidades que vão desde acesso à meios, viagens, etc. O primeiro se explica pelo fato de que o aluno que é de baixa renda, não terá o apoio necessário para aprender a língua e também porque, aprender uma nova língua, está em último lugar em sua lista de prioridades, observando assim como o inglês está distante de sua realidade. O estudante que precisa, primeiramente, sobreviver, não estará preocupado em ter em seu currículo a habilidade em inglês. Segundo Camilo (2017):

Ainda existe a mentalidade de que falar uma segunda língua é algo para pessoas ricas. Assim, alunos que não se veem desse lado da moeda se sentem desconectados do ensino. Nesse ponto, a escola precisa mostrar a eles que aprender inglês pode ajudá-los a voar mais alto. Mas também precisa garantir assistência para que tenham o mínimo disponível para conseguir estudar (CAMILO, 2017).

O segundo fator, se explica pelo fato de que professores sem qualificação dificultam o aprendizado, visto que as escolas públicas já perecem por falta de recursos, um docente qualificado amenizaria os danos causados por esse baixo investimento. Diante disso, compreendemos que alunos da rede privada possuem maior vantagem sob os da rede pública, pois têm acesso a mais recursos e têm maior apoio para aprender o inglês sem precisarem aplicar maior esforço.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em questão pretendia investigar as causas do baixo desempenho dos estudantes no ENEM em língua inglesa analisando suas motivações e seus impactos. E para isso, delimitamos como objetivo: a investigação da possibilidade de haver despreparo de profissionais da área e se isto afeta o desenvolvimento dos alunos no processo de aprendizagem; a compreensão da importância de recursos satisfatórios durante o ensino da língua; e a identificação das consequências da falta de motivação dos alunos. Com estes objetivos, buscamos entender como isso influencia no processo de absorção do conhecimento.

Estabelecemos como hipóteses, para explicar as razões do baixo rendimento dos alunos em língua inglesa, a desmotivação para estudar o idioma, a falta de professores especializados na área e a falta de recursos. Além de confirmarmos estas

hipóteses, durante a realização da pesquisa, encontramos outros fatores que estão atrelados a estas hipóteses que contribuem para explicar estas motivações, como por exemplo o uso de metodologias que focam na gramática e estrutura da língua e não na construção das quatro habilidades linguísticas (*Listening, speaking, Reading e writing*).

Descobrimos também, a influência das crenças no meio escolar que desestimulam e desvalorizam o inglês, além de notarmos como o nível socioeconômico do aluno é proporcional às suas médias no ENEM, ou seja, alunos de escola particular podem possuir maiores vantagens sob os alunos de escola pública, pois infere-se que eles possuem maiores oportunidades como meios para aprendizagem.

Os resultados do estudo foram satisfatórios, pois alcançamos os objetivos propostos e assim conseguimos compreender que existem fatores que explicam o fato de que alunos de escola pública apresentam um baixo rendimento em inglês no ENEM e que não é uma mera coincidência. Este estudo abre espaço para diversas outras pesquisas como por exemplo o levantamento de propostas para melhorar o ensino de inglês, o que, diante desta investigação, notamos carência.

Este tema necessita de maior atenção a fim de que seja mostrado à sociedade que é possível aprender o inglês na rede pública, desde que haja maiores investimentos, garantindo o êxito do processo de ensino/aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ezequias Felix de. **O ensino de língua inglesa em escola pública: um diálogo possível**. 2015. 65 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

AVELAR, Flávia Juliana de Sousa. **O inglês no ENEM e na escola: práticas de dois professores do ensino médio**. 2015. 1 recurso online (271 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1627249>.> Acesso em: 29 nov. 2023.

BERNARDO, Aline Cajé. **O inglês como disciplina escolar: dos discursos oficiais à prática**. 2018. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE. Disponível em: <[https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10069/2/Inglesdisciplina Escolar.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10069/2/Inglesdisciplina%20Escolar.pdf).> Acesso em: 29 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. (s.d.). **Censo Escolar da Educação Básica**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/censo-escolar>>

BRASIL. Ministério da Educação. **Microdados do Enem por Escola são divulgados pela primeira vez**. 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/418-enem-946573306/72191-microdados-do-enem-por-escola-sao-divulgados-pela-primeira-vez>>. Acesso em: 12 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Nível social do aluno e formação do professor são determinantes**. 2015. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/418-enem-946573306/21521-nivel-social-do-aluno-e-formacao-do-professor-sao-determinantes>>. Acesso em: 12 abr. 2024.

BRITISH COUNCIL. **O ensino do inglês na educação pública brasileira: 2015**. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo_oensinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira.pdf> Acesso em: 26 mar. 2024.

ECHEL, Simone Deperon. A motivação como prevenção da indisciplina. **Educar em Revista**, n. 38, Curitiba: 2008. Disponível em: Acesso em: 01 jun. 2024.

FERNANDES, Cláudia R. Ponciano; OLIVEIRA, Ana C. B. de; SILVA, Itallo de Souza; FARIAS, Lays Silva; COSTA, Layse Pereira da. Inglês para o ENEM: Relato de experiência de um projeto de extensão no IFPB campus Guarabira. **Revista Práxis: saberes da extensão**, João Pessoa, v. 6, n. 13, p. 36-42, set./dez., 2018.

KOBAYASHI, Eliana; GALLARDO, Barbara C. (2021). Nível de proficiência em inglês de professores em formação inicial: Um estudo sobre a visão de docentes de um curso de Letras e de especialistas da área. **Revista do GEL**, 18(2), 66-87.

LINGOPASS. **British Council identifica que 5% dos brasileiros falam inglês e apenas 1% possui fluência**. 2023. Disponível em: <<https://www.lingopass.com.br/blog/british-council-identifica-que-5-dos-brasileiros-falam-ingles-e-apenas-1-possui-fluencia>>. Acesso em: 01 mai. 2024.

MARIANI, Daniel; YUKARI, Diana; TAKAHASHI, Fábio; SALDAÑA, Paulo. Inglês no Enem é obstáculo entre aluno de escola pública e a faculdade. **Folha de São Paulo**, São Paulo e Brasília, 27 de fevereiro de 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/02/ingles-no-enem-e-obstaculo-entre-aluno-de-escola-publica-e-a-faculdade.shtml>>

MARZARI, Gabriela Q.; BADKE, Mariluz R. Ensino e aprendizagem de língua inglesa em escolas públicas de Santa Maria/RS. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, 2013. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21827/21827.PDF>>. Acesso em: 12 abr. 2024.

MIRANDA, Cristina Helena; CARDOSO, Patrícia Silva; SILVA, Marimar da. "Você Aprende Inglês na Escola?" "Daquele Jeito, Né?": Percepções Sobre o Ensino-

aprendizagem de Língua Estrangeira na Escola Pública." **Fórum Linguístico**, 10.4 (2013): 307-23. Web.

RAUBER, Barbara Battistelli. **Avaliação em língua estrangeira (inglês) no acesso ao ensino superior: o ENEM em discussão**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, 2012.

RODRIGUES, Ludmila Corrêa Pinto; TAGATA, William Mineo. (2014). Ensino e aprendizagem de língua inglesa e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). **Domínios de Lingu@gem**, 8(1), 459-472.



UNIVERSIDADE DE GURUPI
SISTEMA DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO E DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA PARA
PUBLICAÇÃO DIGITAL NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE DE GURUPI

Tipo de documento: TCC () Artigo Científico () Livro () Capítulo de Livro () Trabalho
Apresentado em evento () Outro: _____

Informações sobre a obra:

Autor(a): Isabela Santana Brandão

RG: 131428-8 CPF: 058.292101-50 E-mail: isabela.s.brandao@unirg.edu.br

Orientador(a): Prof.ª Dra. Rosimeire Parada Gramada Milhomens da Costa

Coorientador(a): _____

Título do documento: Explorando as causas do baixo desempenho dos estudantes da
rede pública no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em língua inglesa: uma
análise qualitativa das motivações e impactos.

Data da defesa: 17/06/2024 Área do Conhecimento (tabela do CNPq): Inglês

Informação de disponibilização do documento:

Restrição para publicação: Total* () Parcial* Sem restrição

Justificativa de restrição total: _____

Em caso de restrição parcial, especifique os capítulos restritos: _____

A partir de qual data esse documento poderá ser disponibilizado: 06/07/2024

Permissões

Permite o uso comercial da obra? Sim () Não

Permitir modificações na obra? () Sim Não

O documento está sujeito a patentes? Sim () Não

Gurupi, 06 de julho de 2024
Local e Data

Isabela Santana Brandão
Assinatura do(a) autor(a)



UNIVERSIDADE DE GURUPI
SISTEMA DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Autor(a): Isabela Santana Brandão

CPF: 058.292.101-50 Matrícula: 2110060001

Telefone: (63) 98406-3881 E-mail: isabela.s.brandao@unirg.edu.br

Curso: Letras

Orientador(a): Prof.^a Dra. Rosimeire Potoda Gramada Milhomens da Costa

Coorientador(a): _____

Título/Subtítulo: Explorando as causas do baixo desempenho dos estudantes da rede pública no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em língua inglesa: uma análise qualitativa das motivações e impactos.

Data da Defesa: 17/06/2024

Tipo do documento:

TCC () Artigo Científico () Livro () Capítulo de Livro () Trabalho Apresentado em evento () Outro: _____

- Declaro que, para os devidos fins, o presente trabalho é de minha autoria e que estou ciente;
- Dos Artigos 297 a 299 do Código Penal, Decreto-Lei n. 2.848 de 7 de dezembro de 1940;
- Da Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, que dispõe sobre os Direitos Autorais;
- Do Regimento Interno da Universidade de Gurupi;
- Da lei 12.527 de novembro de 2011, que trata da Lei de Acesso à Informação;
- Da utilização da licença pública internacional Creative Commons 4.0;
- Que plágio consiste na reprodução de obra alheia e submissão da mesma como trabalho próprio ou na inclusão, em trabalho próprio, de ideias, textos, tabelas ou ilustrações transcritas de obras de terceiros sem a devida e correta citação referencial.

Gurupi, 17 de junho de 2024
Local e Data

Isabela Santana Brandão
Assinatura do(a) autor(a)